

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA CRIANÇAS AUTISTAS NÃO ORALIZADAS NA SALA REGULAR

Autora do projeto¹: Mariana Luiza Sampaio Lupinaci
Orientador²: Prof. Dr. Klaus Schlünzen Junior

1 INTRODUÇÃO

Explicitado a origem do interesse por esta argumentação, dá-se seguimento ao abordar uma contextualização do projeto, os objetivos e justificativa do trabalho.

O desejo em pesquisar o presente tema se deu por experiências pedagógicas vivenciadas durante a graduação. Em 2018 ingressei como estagiária no grupo de pesquisa “Ambientes Potencializadores para a Inclusão (API)”, e com embasamento teórico e científico, realizei atendimentos com recursos pedagógicos e tecnológicos para estudantes público-alvo da Educação Especial (EPAEE) no Centro de Promoção para a Inclusão Digital, Educacional e Social (CPIDES).

Destaco uma estudante não oralizada que pude atender, a qual me despertou dúvidas e a necessidade de estudos. No primeiro mês de atendimento, senti incômodo por não conseguir me comunicar com ela e não compreender os desejos da estudante. Diante de tais dificuldades e com a escassez de estudos na literatura sobre a síndrome rara dela (Síndrome do P+14), busquei auxílio de pesquisadores da área da Educação Especial, que me indicaram estudos voltados para a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA). Após orientações e planejamentos, confeccionei pranchas com papelão, impressões coloridas e instalei aplicativos de CAA com imagens que faziam parte do cotidiano da minha estudante. O intuito era romper a barreira da comunicação e ensiná-la a se expressar usando tais ferramentas.

Dando seguimento ao anseio pelo objeto de estudo, em 2020 iniciei estágio remunerado em uma escola particular na cidade de Presidente Prudente. Nas salas de Educação Infantil que pude acompanhar, tive a oportunidade do convívio diário com estudantes autistas oralizados e

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

²Docente do Departamento de Estatística e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Grupo de Pesquisa “Ambientes Potencializadores para a Inclusão” e “Núcleo de Educação e Colaboração”.

não oralizados, aumentando progressivamente meu interesse em estudar sobre Educação Especial.

Ao conhecer minhas experiências na área com os atendimentos realizados no CPIDES, a psicóloga do colégio me solicitou auxílio para a realizar um projeto de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) para os estudantes TEA não oralizados, considerando as recorrentes crises que estavam apresentando por não serem compreendidos. Desta forma, fotografei os diversos espaços da escola, realizei a impressão, plastificação e confecção de pranchas/chaveiros com as respectivas figuras.

Tais recursos são utilizados até o momento presente, a equipe escolar e pais/responsáveis reconheceram as inúmeras contribuições que a CAA trouxe para as crianças. Em suma, deparar-me com dezesseis estudantes TEA não oralizadas se comunicando por meio dos materiais produzidos por mim, tanto na presença da professora de AEE quanto as do ensino regular, são motivos de extrema satisfação. Tais vivências me despertaram anseio em expandir esses recursos para um número maior de crianças autistas com dificuldades de comunicação. Desse encantamento e interesse em prosseguir os estudos acadêmicos, nasce meu projeto de pesquisa.

Diante de uma hipótese que buscarei comprovar ao decorrer do Mestrado, provoco a seguinte pergunta, que define o problema da pesquisa: Como fazer para concretizar o uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) nas salas regulares para crianças autistas não oralizadas, e assim, alcançarmos práticas inclusivas?

Contextualização histórica

O DSM V (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) convencionou oficialmente o termo Transtorno do Espectro Autista, caracterizado como um transtorno de neurodesenvolvimento que pode apresentar comprometimento na interação social, em comportamentos não verbais (como contato visual, expressão facial e postura) e na comunicação (verbal e não verbal), podendo ocorrer atrasos ou ausência de linguagem.

No que tange a inclusão escolar das crianças TEA, encontra-se uma escassez na literatura e pesquisas acadêmicas na área da educação sobre como ocorre de fato a inclusão em indivíduos TEA não oralizados nas escolas. Há um certo despreparo em como realizar incluir

essas crianças, ocasionando em desafios diários para professores, gestores e equipe escolar. Parte-se do pressuposto de que a ausência de linguagem verbal tem um importante impacto no desenvolvimento, aprendizado, autonomia e inclusão de estudantes autistas, e quando não são bem assistidos no âmbito educacional, enfrentam grandes desafios e se frustram por não conseguirem se comunicar.

Em razão disso, ferramentas de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) foram criadas com o intuito de facilitar a comunicação e assegurar interações sociais, possibilitando inúmeras maneiras do indivíduo representar seus pensamentos, necessidades, desejos, e consequentemente, sendo incluídos no meio em que vivem. Apesar dos recursos apresentarem diversos resultados benéficos, a riqueza de suas contribuições não surgirá o mesmo efeito se utilizados de maneira errônea, sem os estudos científicos que os embasam e as devidas instruções de aplicabilidade. Posto isto, faz-se necessário uma intervenção pedagógica na sala regular para tais crianças, visto que formas alternativas à fala são fundamentais e um direito a elas, tornando-se um canal de comunicação em comum e diminuindo consequentemente, frustrações decorrentes das dificuldades comunicativas (WALTER, 2009).

O objetivo geral da pesquisa é analisar como usar a CAA na sala regular da Educação Básica para contribuir com a inclusão e o desenvolvimento pedagógico de estudantes TEA não oralizados. Como objetivos específicos, intui-se: identificar produções bibliográficas e políticas públicas brasileiras relacionadas a inclusão dos estudantes TEA, bem como sobre o uso CAA para crianças autistas; verificar a prática pedagógica no ambiente escolar e como a CAA é adotada para o atendimento de estudantes TEA não oralizados; e interpretar ações que possam orientar como pode ser implementado e desenvolvido o uso da CAA nas salas regulares.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De modo a atingirmos os objetivos anteriormente elencados, e respondermos à questão balizadora deste estudo, o desenvolvimento metodológico da pesquisa será de natureza qualitativa do tipo descritiva. Diante disso, o estudo se debruçará sobre 4 etapas para o levantamento, seleção e análise dos dados.

A coleta se dará por meio de uma revisão bibliográfica, a partir de publicações acadêmicas (periódicos, monografias e artigos científicos), bem como legislações e políticas

públicas que por meio de uma pesquisa documental. Além disso, tem-se como intuito explorar produções acerca do tema, como o “Portal de ajudas Técnicas” do Ministério da Educação, secretaria de Educação Especial. Posteriormente, explicita-se a importância em estudar e retratar as diversas formas para empregar o uso de ferramentas de CAA com autistas. Para tal intuito, almeja-se acompanhar uma escola da Educação Infantil que ofereça Atendimento Educacional Especializado (AEE), para levantamento e análise de dados.

Em seguida, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com professores da sala regular e do AEE. O objetivo da análise será compreender a visão que os participantes possuem sobre autismo e CAA. Além disso, intenta-se ouvir relatos de experiências sobre como utilizam as ferramentas de Tecnologia Assistiva com estes estudantes. Em caso negativo, elencaremos os fatores pelo seu não uso.

Com os dados alcançados, intenta-se investigar as salas que possuem estudantes TEA para a realização de uma observação participante. Tal instrumento de coleta permitirá a identificação de evidências que ocorrem no cotidiano destes estudantes, a fim de investigar como os participantes socializam e se desenvolvem pedagogicamente e interagindo de certa forma com o estudante a ser pesquisado.

Surge a necessidade em organizar um diário de campo em forma de registros, buscando reunir informações sobre as experiências vivenciadas durante o período da pesquisa para análise de dados. Após a reflexão dos estudos teóricos e da realização desta etapa, pretende-se analisar quais ações são satisfatórias para professores empregarem o uso da CAA com estudantes TEA e com isso, ocorrerão intervenções direta na prática dos docentes. Para análise das informações coletadas, será utilizado a Triangulação de Métodos, por ser um procedimento analítico que interpreta dados qualitativos.

Esperamos que os resultados ocasionem evoluções no desenvolvimento dos participantes, aspirando promover a inclusão de estudantes autistas na sala regular.

Palavras-chave: Educação Especial; Autismo; Comunicação Alternativa e Aumentativa; Práticas Pedagógicas Inclusivas.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V.** (5 ed.). (M. I. Nascimento, Trad.) Porto Alegre: Artmed, 2014.
ARASAAC. Centro Aragonês de Comunicação Alternativa. Disponível em:
<https://arasaac.org/aac/pt>. Acesso em: 5 out. 2021.

BELISÁRIO FILHO, J. F.; CUNHA, P. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. Transtornos globais do desenvolvimento.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010. 43p.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 out. 2021.

BRASIL. Decreto nº 8.368, de 02 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.**

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;** e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

BRASIL: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CELLARD, A. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2014 (p. 295- 316).

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S. Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GROULX, L. H. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2014 (p. 95-124).

HUOT, R. **Métodos quantitativos para ciências humanas** (tradução de Maria Luísa Figueiredo). Lisboa: Instituto Piaget. 2002

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

LAPERRIERE, A. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2014 (p. 410-435).

KHOUTY, L. P.; TEIXEIRA, M. C. T.; CARREIRO, L. R.; SCHWARTZMAN, J. S.; RIBEIRO, A. F.; CANTIERI, C. N. **Manejo comportamental de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a professores.** [livro eletrônico]. São Paulo: Memnon, 2014.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MINAYO, M. C de S. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 61-77, 2013.

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. M. A., **Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas**. Revista Univap, São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 35, jul.2014.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SCHIRMER, C. R. **Comunicação alternativa para alunos com dificuldades severas na fala**. Revista Espaço Acadêmico, v. 18, n. 205, p. 42-51, 20 jun. 2018.

SCHLÜNZEN, E. T. M. **Mudanças nas práticas pedagógicas do professor: criando um ambiente construcionista, contextualizado e significativo para crianças com necessidades especiais físicas**. 211 f. Tese (Doutorado em Educação: currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

SCHLÜNZEN, E. T. M.; SANTOS, D. A. N. **Práticas Pedagógicas do Professor: abordagem Construcionista, contextualizada e significativa para uma educação inclusiva**. Curitiba: Appris, 2016.

WALTER, C.; NUNES, L. Comunicação alternativa para alunos com Autismo no ensino regular. **Revista Educação Especial** (UFSM), 26(47), 587-602, 2013.